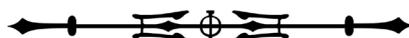


Trabalhadores das águas: impactos socioeconômicos e mudanças na pesca artesanal (Bragança-PA)

Alexandre de Brito Alves¹
Francisco Daniel Mota Lima²



RESUMO

A pesquisa realiza um breve diagnóstico acerca dos impactos socioeconômicos e ambientais advindos do crescimento da pesca industrial em Bragança-PA, desde a década de 1980. Com efeito, analisa como os pescadores artesanais estão sendo afetados por aquela atividade pesqueira e como criam estratégias para continuar utilizando a pesca como recurso tradicional à sobrevivência. Os procedimentos metodológicos aplicados consistiram em entrevistas semiestruturadas com 04 pescadores e 04 ex-pescadores habitantes em Bragança, além de pesquisas bibliográficas sobre a pesca local. Inclui-se na metodologia, igualmente, a observação direta na feira livre da cidade, principal polo de comercialização de pescados do lugar em foco. O crescimento da atividade pesqueira e o aumento da comercialização intensificaram a exploração dos espécimes às proximidades da costa estuarina bragantina, o que pode ter reduzido a quantidade e a biodiversidade de peixes. Interpretaram-se, também, outros fatores, tais como: a) maior dependência dos pescadores artesanais em relação aos atravessadores; b) mudanças nas práticas de trabalho: antigos pescadores artesanais transformam-se em “operários” das grandes embarcações; e c) o advento dos motores a diesel, que auxiliou no deslocamento e no aumento da exploração da fauna aquática.

Palavras-chave: Pesca artesanal. Pesca Industrial. Impactos Socioeconômicos. Bragança-PA.

¹ Graduado em Licenciatura & Bacharelado em História, Faculdade de História, Campus Universitário de Bragança-PA, Universidade Federal do Pará (UFPA, 2014). Mestre em Sociologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campus do Guamá, Universidade Federal do Pará, Belém-PA (PPGSA/IFCH/UFPA, 2017). Especialista em Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável da Amazônia, Instituto Federal do Pará (PPGCADS/IFPA), 2018). E-mail: alexandrehistoria2010@yahoo.com.br.

² Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), Bragança, PA, Brasil.

ABSTRACT

This research makes a brief diagnosis about the socio-economic and environmental impacts of industrial fishing on artisanal fishing in Bragança from the growth of industrial fishing since the 1980s. In fact, it points out how the artisanal fishermen are being affected by that fishing activity and how they create stratagems to continue using fishing as a traditional resource for survival. The methodological procedures applied consisted of semi-structured interviews with four fishermen and four former fishermen living in Bragança besides bibliographic research on local fishing. It was included in the methodology the direct observation in the city's street market, the main fishing commercialization center in the area. The growth of fishing activity and commercialization increased the exploration of the specimens near the estuarine coast of Bragança, thus reducing the quantity and biodiversity of fish. Other factors were also observed, such as: a) the artisanal fishermen's increased dependence in relation to the traders; b) the changes in working practices: former artisanal fishermen became workers on large fishing boats; and c) the implementation of the diesel engine which assisted in the displacement and increase of the aquatic fauna exploitation.

Key Words: Artisanal fishing. Industrial fishing. Socioeconomic impacts. Bragança-PA.

INTRODUÇÃO

Historicamente, a principal forma de pesca existente no Brasil é a artesanal. No entanto, no século XX, a pesca industrial passou a impactar de maneira incisiva naquela. Violeta Loureiro (1983), pesquisando o sistema pesqueiro em Vigia-PA, elucidou que a pesca artesanal se caracteriza como um conjunto de atividades produtivas com traços comuns, tendo como prevalência a parceria como relação de trabalho, além de outros fatores: produção visando à sobrevivência familiar; empregam embarcação de madeira, com reduzida capacidade (máxima 20 toneladas, entre pessoal e carga); além de utilização de redes e outros equipamentos feitos pelos próprios trabalhadores. Os pescadores, para a realização de suas labutas usam tarrafas, barcos à vela e ou outros motorizados, mas de menor propulsão, redes específicas e demais apetrechos construídos artesanalmente (POTIGUAR JR., 2005; SILVA JR., 2008).

Portanto, a pesca artesanal ocorre em barcos menores que os da atividade industrial, constando então de pequena canoas com casco de madeira de 3 a 5 metros, com caixas de gelos apropriadas para conservar e resfriar o pescado. As embarcações são levadas pelo vento ou movidas a remos. Igualmente, há embarcações de 8 a 12 metros, trabalho geralmente exercido por familiares ou amigos (Espírito Santo, 2002; Silva Jr., 2008). Nesse sentido, o pescador artesanal: “é o trabalhador que pratica diretamente a pesca profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria (ARAÚJO, 2017, p. 63).

Na interpretação de Fiúza de Mello (1993), não existe no âmbito da pesca artesanal uma regra rígida que faça com que um indivíduo execute apenas uma atividade. Por exemplo, na pescaria industrial, uma pessoa captura o pescado, outra apenas o beneficia e outros indivíduos o comercializam. Ao contrário, na artesanal, um trabalhador pode fazer as três atividades. Em consonância, na pesca industrial, há o processo de racionalização da produção, onde cada trabalhador é responsável por realizar uma tarefa, nesse caso, a atividade é executada de maneira mecânica a fim de atingir as etapas do padrão de qualidade exigido pelo mercado consumidor, portanto, abarca um número maior pescadores-trabalhadores; com funções especializadas (MELLO, 1993; SILVA JR., 2008).

Guardadas as devidas proporções, quanto às diferenças em relação a outras realidades sociais, o que se nota em Bragança é que o crescimento da pesca industrial é fenômeno marcante, visto que o município comporta diversas empresas que beneficiam e exportam a produção local e regional, tais como a Geleira Rio Caeté, a Gelobrás, a Gpesca e a Pesqueira Maguary, por exemplo.

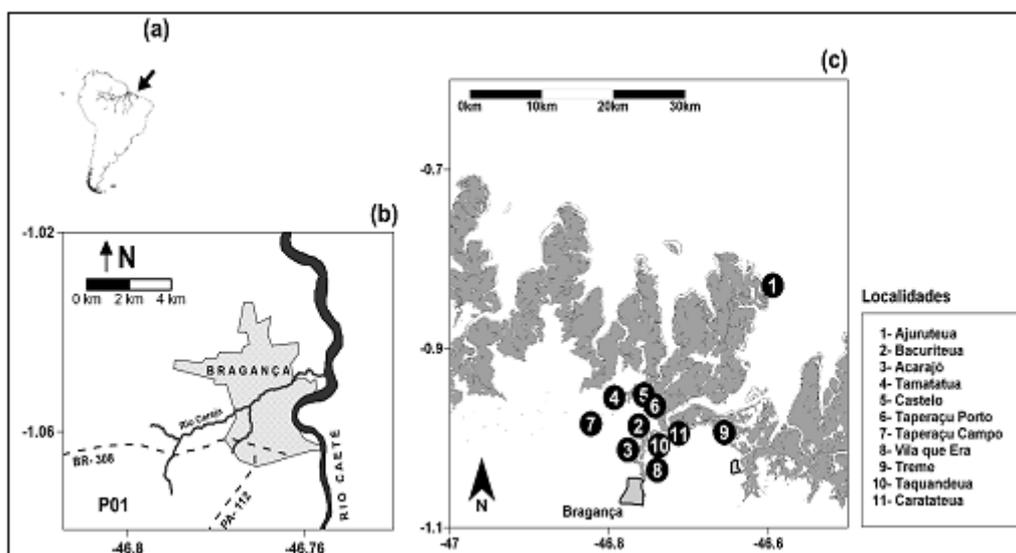
Bragança se destaca a nível estadual como uma das cidades onde há maior exploração pesqueira no Pará, em tono de 120 mil toneladas de pescado de origens marinhas e continentais (CUNHA SILVA, 2012). As pesquisas com pescadores bragantinos indicam que antes da década de 1990 havia, quantitativamente, mais embarcações e maior quantitativo de pessoas envolvidas na atividade da pesca artesanal, todavia, a partir do final do século XX passou a ocorrer o crescimento da pesca industrial, domínio que impactou fortemente a atividade artesanal local, além de implicações de ordem socioambiental. Em meio a este contexto, o estudo que se segue intenciona analisar tais impactos e implicações, advindos da pesca industrial, a partir da investigação de seus efeitos na pesca artesanal em Bragança. Tais fatores incluem, evidentemente, as mudanças socioambientais que ocorrem dentro de um “sistema micro, onde os processos sociais são dinâmicos e dependentes da oferta dos recursos naturais”

(TAVARES DA SILVA, 2015, p. 16). As transformações dependem de fatores externos, internos e/ou a relação dialética entre ambos, pois, os sujeitos ora entram em conflito, ora se adaptam as novas dinâmicas socioeconômicas e ambientais com que se deparam em seu cotidiano.

A pesca artesanal e a agricultura em pequena escala são importantes fontes de sobrevivência às populações rurais e urbanas de Bragança (SANTOS, 1996; GLASER, BERGER, MACEDO, 2005; LOPES, TOURINHO, GARVÃO, 2015). Em Bragança o rio Caeté, com uma área de extensão de 250 km² (KLOSE et al., 2005) é o principal espaço de pescaria dos moradores locais, considerando-se, sobretudo, que a áreas costeiras de Bragança e o estuário formado pela confluência dos rios Caeté e Taperaçu, dentre outros, conformam uma enorme rede de veios aquíferos, composta por inúmeros afluentes, efluentes, rios tributários, mangues, mangais e manguezais, uma diversidade de “braços”, “furos”, igarapés e campos alagáveis que vistos como um todo, formam um imenso mosaico natural de ambientes aquáticos propícios a atividade pesqueira, sobremaneira aquela artesanal, praticada tradicionalmente pelos caboclos ribeirinhos, realizada em pequena escala, por grupos familiares, ou redes de solidariedade-cumplicidade-reciprocidade entre sujeitos históricos co-comprometidos entre si por afinidades de natureza múltiplas (CAMPOS, 2013), em grande medida é a pesca destinada à subsistência, a pequenos negócios comerciais e trocas/escambos. Atualmente, devido à concorrência da pesca industrial, eles se deslocam pelo rio em direção ao alto-mar, e também para pescarem em áreas próximas às costas bragantinas.

A figura 01 ilustra os principais polos pesqueiros de Bragança.

Figura-01: imagens retiradas do “Panorama da Pesca em Bragança” (2016)



No que concerne aos espaços de captura, Francisco Oliveira (2004, p.10) considerou que “[...] os pescadores artesanais exploram microambientes, cabeceiras de rios, igarapés, praias, restingas, foz de rios, mar aberto e os próprios manguezais”. Estas características foram observadas em Bragança, pois os trabalhadores exploram os manguezais, as águas do rio Caeté e as do mar.

Devido aos equipamentos modernos que utiliza – tais como grandes embarcações motorizadas (maiores de 15 metros) e maior quantidade de equipamentos como o gelo para conservar

os peixes e mão-de-obra para puxar a malhadeira – a pesca industrial tem engendrado concorrência desigual com a artesanal (POTIGUAR Jr., 2005), o que propicia a desarticulação das práticas tradicionais de pescarias no Pará. No caso de Bragança, nos últimos trinta anos passaram a ocorrer maior comercialização dos recursos pesqueiros (KLOSE et al., 2005).

Em Bragança a pesca artesanal constituiu e ainda constitui uma atividade de grande importância socioeconômica para os habitantes locais (ALVES, 2017). Grande parte dos sujeitos sociais que vivem desta atividade reside em áreas rurais da cidade, porém, muitos habitam bairros nas áreas urbanas. No caso dos trabalhadores que moram nos pontos urbanos, eles se deslocam à pesca pelo rio Caeté, costumam sair da feira livre da cidade e se movimentam a alto-mar em embarcações de pequeno e médio porte. As observações de campo indicam que este tipo de atividade é realizado, em grande medida, por pessoas que têm vínculos familiares, de amizades e parceiras, tal como constatou Loureiro (1983) em Vigia-PA.

Com efeito, constatado que a pesca artesanal é uma realidade na vida de muitos “homens bragantinos”, uma das questões a ser investigada diz respeito aos impactos nas atividades produtivas destes pescadores locais a partir do crescimento da pesca industrial desde os anos de 1980, uma vez que, como mostrou Guimarães de Melo (2015), entre as décadas de 1980-90, vieram à Bragança migrantes nordestinos em grande quantidades (a maioria pescadores cearenses e maranhenses). Tal afluxo de novos agentes da cadeia produtiva da pesca à localidade, que conseqüentemente investiram no processo de intensificação da pesca industrial onde tal contexto trouxe efeitos diretos na pesca artesanal bragantina.

METODOLOGIA

Área de Estudo

O município onde residem os trabalhadores que foram investigados neste estudo é Bragança. Este se localiza na Mesorregião do Nordeste Paraense e na Microrregião Bragantina, detém uma área territorial de 2.090,23 km² e está a cerca de 210 km de Belém, capital do Estado do Pará. A cidade (sede) foi fundada em 08 de junho de 1613 (CARVALHO, 2010). Neste lugar residem pescadores que diariamente utilizam o rio Caeté como lugar de pescaria, concentrando suas atividades nas áreas de praias, pontes e croas.

Os sujeitos que foram investigados residem em três bairros de Bragança, os quais, segundo as orientações dos contribuintes, são os onde há maior quantitativo de pescadores na cidade, a saber: o Perpétuo Socorro, a Aldeia e o Riozinho.

Coleta e análise dos dados

As coletas de dados ocorreram de maneira seguinte: a) leituras e interpretação dos dados levantados por cientistas sociais e naturais sobre a temática, b) entrevistas semiestruturadas com 08 pescadores e ex-pescadores artesanais residentes na área urbana de Bragança, c) leituras e interpretações de 05 entrevistas realizados pelo pesquisador Guimarães de Melo (2015) com pescadores bragantinos, e que estão disponíveis em anexo em sua monografia

de conclusão, na Faculdade de História em Bragança³, d) análise de entrevistas com 03 antigos moradores de Bragança a fim de verificar as mudanças nas atividades econômicas do município. Além disto, também foi feita observação em campo a fim de identificar o processo de desembarque e circulação do pescado na cidade. No âmbito da pesquisa campal, utilizou-se um caderno para anotações ou arquivo pessoal como orientou o sociólogo norte-americano Wright Mills (1969), onde foram escritas as observações apreendidas pelo pesquisador como dados relevantes. A figura 02 apresenta algumas das localizações das visitas de campo com enfoque na feira de Bragança.

Figura-02: movimentos relativos à pesca na feira livre de Bragança (ALVES, 2018)



As pesquisas foram realizadas entre os períodos de 2015 a 2018. Grande parte dos dados – usados neste estudo – foram utilizados na dissertação “PA-458: território, territorialidade e dinâmica na área costeira de Bragança (1974-2016)”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia na Universidade Federal do Pará (UFPA). O tipo de entrevista usada na pesquisa foi semiestruturada; e de acordo com as orientações de Manzini (1990/1991) este consta de um roteiro com perguntas principais, que podem ser complementadas por outras questões levantadas no âmbito do diálogo com os colaboradores. A intenção com esta é possibilitar maior interação com os atores sociais, deixá-lo seguros para falarem sobre suas experiências enquanto *trabalhadores das águas e dos ecossistemas costeiros de Bragança*. As entrevistas semiestruturadas são mais flexíveis e se aproximam mais de um diálogo do que propriamente de uma conversa formal. Porém, também, necessitam de um roteiro prévio, com perguntas elaboradas sobre o tema a ser tratado.

3 O pesquisador disponibilizou por inteiro as entrevistas os quais estão disponíveis a novas interpretações.

A fim de descrever e analisar as atividades na pesca foi realizada observação não participante nos portos de desembarques na feira livre. Também se observou os principais pontos de comercialização do peixe na cidade.

A PESCA ARTESANAL EM BRAGANÇA

Historicamente, a prática de coleta artesanal tem sido a principal atividade pesqueira em Bragança, isto é, os moradores das áreas urbanas e também os das áreas rurais utilizam, tradicionalmente, as águas dos rios Taperaçu e Caeté, seus tributários, assim como os campos alagáveis, “braços”, e mangais, além das praias e do “mar aberto”, como principais ecossistemas de exploração para fins da atividade extrativistas de captura de pescados. Estes são homens e mulheres ditos pobres – em situação de baixa renda ou pouco poder aquisitivo (chamado hoje em dia de “situação de vulnerabilidade social”, de acordo com o código atual do *politicamente correto*) – que para manterem sustentáveis suas famílias utilizavam os furos e igarapés que tangenciavam e ainda tangenciam a cidade a fim de pescar o bagre, a arraia, o bandeirado, o tralhoto, a gó, a pratiqueira⁴ e outros espécimes típicos destas áreas.

O historiador Nonato da Silva (2006) escreveu que os primeiros europeus a chegarem a Bragança faziam parte de uma expedição chefiada por *Daniel de La Touche*, que supostamente saíra da Ilha de São Luiz do Maranhão, em 08 de junho de 1613, rumo à “região dos Caytés”. Ao pesquisador, a ocupação portuguesa da região deu-se aquando ocorreram às entradas de outros “expedicionários”, assim como ingleses e holandeses que disputaram com os lusitanos o controle de rotas marítimas na América. Embora o historiador não mencione em sua dissertação como ocorriam os processos relacionados à pesca em Bragança antes do processo de miscigenação entre o branco, o índio e o negro (o que engendrou a população cabocla); é possível conjecturar que, por ter se desenvolvido às proximidades do rio Caeté, a pescaria era utilizada em grande escala para alimentar os nativos, e este modo de vida foi reproduzido e transformado pela população que se formou.

Segundo Lucina Oliveira (2008, p. 03) a Capitania de Souza Caeté⁵, a partir de sua colonização no século XVII, integrou-se inicialmente pela produção de “açúcar, algodão, pescado e sal”. Conforme a autora, estes empreendimentos foram importantes ao processo de colonização a ulterior vila e depois cidade de Bragança. A existência de povos indígenas em Bragança antes da chegada dos portugueses indica que a pesca era, certamente, um dos principais recursos, em função, primeiramente, da presença do rio Caeté e também pelo fato de que os grupos nativos tinham e ainda tem a pesca como uma das bases de sua sobrevivência.

A respeito da afirmação acima, é importante argumentar que existem poucos estudos que descrevem o modo de vida dos povos nativos na região Bragantina antes do início do processo de colonização, no século XVII. O fato destes povos não utilizarem a linguagem escrita dificulta mais ainda qualquer detecção e hipóteses a respeito da economia destes. Com efeito, é trabalho da Arqueologia fazer pesquisas e apresentar-nos dados sobre o período pré-colonial em Bragança.

4 Estes termos advêm dos conhecimentos tradicionais dos moradores de Bragança.

5 Nome dado pelos portugueses quando do início da administração do território hoje denominado de Bragança.

Desta feita, o que se quer asseverar é que a pesca era utilizada pelos habitantes do território bragantino antes da colonização. Os estratagemas e as técnicas usadas pelos nativos foram, provavelmente, apropriados pelos portugueses a fim de utilizarem os recursos naturais lhes apresentados pelas paisagens da área, quando do início da habitação europeia nesta região.

Na primeira metade do século XX a pesca continuou sendo uma das principais atividades econômicas dos moradores de Bragança. A proximidade do rio Caeté e do rio Cereja⁶, e também os campos alagadiços presentes em vilas próximas à cidade facilitavam esta atividade. No presente, os velhos moradores mencionam que a pescaria era rotineira nos rios mencionados, que eles adentravam nos locais de capturas que se localizavam muito próximos das ruas daquela, pois “naquele tempo bem pouca gente que tinha barco, as condições não davam, era canoazinha mesmo, era remo, naquele tempo não tinha barco motorizado, era muito difícil, era a remo a pano”⁷. As falas do Senhor Manoel Maria da Rosa, 70 anos, morador do Bairro Perpétuo Socorro, indicam que a pesca recorrentemente era realizada em embarcações menores, sem auxílio de motores. Os usos de motores passaram a ser intensificar a partir do crescimento da pesca industrial no final da década de 1980, quando o aumento desta minimizou as práticas da pesca artesanal, e parte dos pescadores locais passou a constituir a massa de mão-de-obra ao empresariado proprietário das grandes embarcações (GUIMARÃES MELO, 2015).

A pesca predominante em Bragança até a década de 1990 era a artesanal e a artesanal comercial⁸, utilizada, comumente, pela população “pobre” da cidade que dependia e ainda depende deste recurso. As entrevistas informais e formais com moradores permitem conjecturar que havia, antes do crescimento da pesca industrial, dois tipos de utilização dos recursos pesqueiros, a saber, a) a pesca ao sustento doméstico, quando os moradores utilizavam os recursos para manter a família; b) a pesca artesanal comercial, quando os pescadores vendiam suas produções na feira livre de Bragança e em pontos de venda como o Mercado da Pedra⁹, por exemplo. Embora, neste último exemplo, eles também utilizassem parte do que capturavam ao sustento de suas famílias. Neste processo, já existiam permutações para outras localidades distantes de Bragança, uma vez que na circulação Bragança-Belém, conduzia-se, entre as mercadorias, sacas de peixes a serem vendidas em Belém. Esta afirmativa fora considerada pelo Senhor José Maria Modesto, 85 anos, morador do Bairro do Perpétuo Socorro, que, em longa conversa que tivemos em sua residência, lembrou haver transportes de peixes em um vagão do trem destinado ao depósito de gêneros alimentícios que eram vendidos em Belém. As falas deste e de outros velhos moradores indicam que antes do desenvolvimento da pesca industrial já havia centrifugação do pescado local, embora, em escala muito menor se comparado ao que ocorre no presente.

Com efeito, conjecturo que o comércio pesqueiro até meados dos anos de 1980 aproximadamente, ocorria, em maior escala, na própria cidade, ou seja, abastecendo o mercado interno, ou sendo visitado por pessoas “de fora” interessadas em adquirir os peixes

6 Rio que transpassa Bragança de leste a oeste.

7 Entrevista com o Senhor Manoel Maria da Rosa, Bragança. Bairro do Perpétuo Socorro, em 26 de abril de 2016.

8 Aqui há que se considerar que os pescadores podem comercializar os peixes que capturam, porém, ainda há casos em que utilizam os espécimes para o consumo de suas famílias. Assim sendo, neste artigo, utiliza-se pesca artesanal aos aspectos mais gerais da pescaria, enquanto que a categoria de pesca artesanal comercial concerne quando o trabalhador vende os peixes.

9 O espaço onde era o Mercado da Pedra, hoje abriga a Escola Municipal de Ensino Fundamental Jorge Ramos.

de Bragança e levá-los para seus locais de origem, quer seja para consumo ou mesmo para revenda. Eram nas peixarias presentes na freira livre, no Mercado de Peixes, os lugares onde se praticavam as maiores permutações. Inobstante, havia também pescadores que vendiam seus quinhões pelas ruas de Bragança. Estas ocorriam geralmente em carroças e carrinhos-de-mão, aquando os vendedores ofereciam a mercancia às portas das residências das pessoas, pois “naquele tempo o pessoal vendia era na porta de casa, peixe e caranguejo, eu até comprava”, lembrou o Senhor Josué Felino Conde de Souza, 68 anos, morador de Bragança desde que nascera. Os vendedores da pescaria eram geralmente os próprios os pescadores, responsáveis tanto pela captura quanto pela comercialização.

É importante explicar Bragança na primeira e em parte da segunda metade do século XX. A respeito disto, os dados possibilitam refleti-la como uma cidade em termos populacional muito menor no que pese sua comparação ao presente, mas não apenas isto, sua infraestrutura viária era precária, aquando os caminhos que se ligavam ao centro da urbe “em meados da década de 1970 as estradas de acesso à Bragança eram de piçarras ou chão batidos, o que dificultava o trânsito de veículos” (ALVES, 2017, p. 151), o que atrapalhava, ao mesmo tempo, o trânsito de pessoas e mercadorias. Apesar das dificuldades da circulação humana, não eram impelidas às transições dos camponeses na e com os moradores do centro de Bragança, ao contrário, moradores de vilas próximas ou distantes da cidade chegavam diariamente à feira livre ou para outros lugares de mercancia, vinda a cavalos e a pé, eles traziam seus produtos e trocavam com os citadinos, voltando às suas residências com o dinheiro obtido e com os recursos necessários às suas sobrevivências, quais sejam, o feijão, o arroz, a carne e outros elementos que eram comprados em Bragança e consumidos pelas famílias que residiam às áreas interioranas da cidade.

Concomitante com a produção agrícola havia, ao mesmo tempo, a pesca. Na realidade, os moradores utilizam tanto a agricultura, quanto a pesca em águas salgadas e doces - ambas - eram atividades que engendravam recursos para a sobrevivência dos grupos sociais moradores de Bragança, ou seja, eles plantavam, colhiam e vendiam suas produções, inobstante, quando os recursos agrícolas estavam em reprodução no solo eles utilizam a pesca em rios, campos e lagos como fonte econômica e de subsistência. Esta dupla atividade é caracterizada por Fiúza de Mello (1985), Violeta Loureiro (1883) e Antônio Diegues (1994) como trabalho de lavradores-pescadores. Eram homens e mulheres que dependiam dos ciclos da natureza para suas atividades econômicas, neste caso a pesca e a atividade de agricultura familiar coexistiam e ambas faziam parte da rotina destas pessoas.

Então, conjecturo que a pesca, inicialmente, era mais um suporte e implemento para manutenção da sobrevivência familiar do que propriamente uma empresa destinada a exportação como ocorre atualmente, embora, como disse atrás, já existia a venda para cidade vizinhas, mas a maior concentração de trocas da produção ocorria na sede do município. As mudanças no modo de produção pesqueira em Bragança ocorreram, sobretudo, a partir dos anos de 1980 com a chegada de migrantes nordestinos que trouxeram e impuseram a pesca industrial e com o crescimento da chegada das tecnologias da modernidade como os veículos, as estradas asfaltadas, os bancos, a luz elétrica, por exemplo, e as redes de comunicações e controle dos espaços que estas permitiram ensejar impactaram a lógica de trabalho na pesca em Bragança (ALVES, 2017). Embora, seja necessário considerar que os avanços tecnológicos e os investimentos do Estado Brasileiro, a partir da década de 1960, neste setor corroboram ao avanço da atividade industrial no domínio pesqueiro na Amazônia (FRÉDOU et al., 2010).

Atualmente a pesca em grande escala em Bragança atende o mercado nacional, tanto as regiões do Nordeste como Ceará, Rio Grande do Norte, quanto às regiões do Sudeste como São Paulo e Minas Gerais, por exemplo. Há também vendas ao mercado internacional como EUA e Porto Rico. A incipiente participação política dos envolvidos propicia grande concentração de renda aos empresários e *atravessadores* em detrimento dos baixos ganhos dos pescadores artesanais e dos pescadores das grandes embarcações que ganham baixo percentual em relação aos primeiros. A tabela 01 apresenta os principais países aos quais é exportada a pescaria do município de Bragança.

Tabela 01: Pauta de produtos exportados pelo município de Bragança-PA em 2016.

Produtos exportados (SH4)	Destinos	Valor exportado (US\$)	Part. (%)	Qtde. exportada (ton)
Peixes congelados	Estados Unidos, Porto Rico, Martinica e China.	10.781.396	67,5%	1.857
Peixes secos, salgados ou em salmoura	Hong Kong	3.038.534	19,0%	61
Filés de peixes frescos, refrigerados ou congelados	Estados Unidos	1.704.187	10,7%	153
Crustáceos	Estados Unidos	255.030	1,6%	10
Folhagem, folhas, ramos e outras partes de plantas	Holanda, Alemanha e Espanha	186.585	1,2%	99
Total		15.965.732	100,0%	2.180

Fonte: MDIC. Retirado do plano de desenvolvimento para o arranjo produtivo local da pesca e aquicultura da região de integração do Rio Caeté (PDAPLRIRC, 2017, p.27).

Os antigos moradores de Bragança usavam as técnicas trabalhadas pelos indígenas para suas atividades diárias, utensílios como canoas, pesca em pequenas redes denominadas puçás, pesca de espinhéis, de anzol, o remo à condução de canoas, a coivara para a agricultura, sem esquecer a prática da caça. Estas e outras técnicas utilizadas pelos indígenas foram incorporadas pelos “caboclos” que constituíram a população de Bragança. Esta interpretação também foi descrita por Fiúza de Mello (1985, p. 08), ao analisar a tradição piscatórias na Amazônia, que fora “herdada sobremaneira dos primitivos habitantes das várias zonas pesqueiras”. O uso de técnicas autóctones pelos colonizadores foi elucidado por Loureiro (1983) à maneira seguinte:

A abundância, variedade e qualidade dos peixes da Amazônia; a existência de grande potencial pesqueiros nos rios, lagos e costas próximas, a relativa facilidade de captura com instrumentos de trabalho simples de fácil fabricação, como as armadilhas, o arpão, o espinhel, a tarrafa e outros, aplicados a procedimentos poucos complexos de capturas, a existência de recursos naturais disponíveis para a confecção de grande parte dos meios de produção aplicados à pesca, a significativa experiência do indígena como pescador, assimiladas e desenvolvidas pelos brancos e [pelos] mestiços que ocuparam a Amazônia: a existência de mercados consumidores, embora pequenos, nas cidades, vilas, povoados e colônias agrícolas, foram eles fatores que se conjugaram no sentido de converter a pesca talvez na atividade produtiva mais antiga da Região e o pescado (ao lado da mandioca) no alimento mais constante do homem amazônico (LOUREIRO, 1983, p. 03).

Muitas destas técnicas continuam sendo utilizadas na pesca industrial e principalmente na artesanal. Os pescadores artesanais utilizam canoas, remos, redes, anzóis e tarrafas em suas atividades cotidianas, embora, algumas destas tenham sido aperfeiçoadas em função do crescimento da pesca industrial, do financiamento do *atravessador* e da busca por novos mercados. Além da implementação de novas tecnologias como a *rabeta* (canoa conduzida a motor), por exemplo, para agilizar as capturas. Porém, mesmo com o acréscimo de novas tecnologias na pesca, as antigas técnicas ainda fazem parte dos trabalhos dos pescadores artesanais, de modo que eles utilizam tanto os antigos utensílios, quanto os novos, como o motor, por exemplo, que ampliou a velocidade de deslocamento aos pontos de capturas.

Um argumento essencial é que, no caso de Bragança, os grupos humanos que moravam na cidade no passado não dependiam exclusivamente da pesca, ao contrário, utilizavam também a agricultura familiar, os pescadores-agricultores como descrito acima. Ora, estas considerações advêm de entrevistas informais e formais com os “velhos bragantinos”, que remontam épocas em que grande parte da população plantava, pois tinham suas terras, nas quais cultivava a maniva, o tabaco, o arroz, o feijão; frutas como manga, abacaxi, melancia, laranja; além de animais como patas, perus, porcos, bois, galinhas e outros. Estes animais e frutos eram criados e plantados em quintais e terrenos próximos de residências dos moradores, que os comercializavam e também os consumiam.

Assim, a agricultura doméstica, possivelmente, foi uma das mais importantes fontes de renda para grande parte da população que residia em Bragança antes do processo de urbanização. O que cultivavam e criavam eram utilizados tanto ao comércio, quanto para as trocas na localidade, afora, também, o uso do escambo, que até a década de 1970 era recorrente entre os bragantinos.

A partir da década de 1970 Bragança passou por um processo de mudanças em sua estrutura urbana em razão da implementação de projetos desenvolvimentistas com

Interesses em construir ou reformar uma série de logradouros da cidade como: praças, mercados de peixes/carnes, ruas, estradas e outros, trabalhos que deveriam ser realizados urgentemente para assim inseri-la nos domínios de “civilização”, “progresso” e “desenvolvimento” que, nesse tempo histórico, eram proposições triviais da gestão do governo militar (ALVES, 2016, p. 233)

Os estudos das atas legislativas, dos requerimentos e dos ofícios guardados no Arquivo Público da Câmara Municipal de Bragança (APCMB) apontam que desde aquele contexto havia a “preocupação” quanto ao desenvolvimento da cidade e nesta direção foram inseridas mudanças pautadas na construção de vias de ligação como a edificação de estradas e a aberturas de novos caminhos para melhorar a circulação da produção. Estes projetos de

desenvolvimento local estavam inseridos no contexto em que o Estado brasileiro constituía políticas públicas e incentivos fiscais para a modernização e o desenvolvimento capitalista na Amazônia (MONTEIRO, COELHO, 2004; TAVARES, 2011; PRATES, BACHA, 2011; OLIVEIRA, 2015). Aquele período de avanço em infraestruturas urbanas como melhoramentos de ruas e estradas, por exemplo, influenciou políticos e empresários bragantinos a buscar junto ao Estado recursos a fim de que fossem implantados projetos desenvolvimentistas na cidade (ALVES, 2014a; ALVES, 2017b).

As vicissitudes por que passara Bragança a partir da segunda metade do século XX incluem o crescimento populacional, o aumento de veículos, da luz elétrica, enfim, dos recursos da modernidade. Todas estas mudanças, obviamente, atingiram as atividades tradicionais como a pecuária, a agricultura e a pesca.

A pesca artesanal era predominante em Bragança posto que antes do crescimento da urbanização da cidade os moradores utilizavam-na cotidianamente como recurso à sobrevivência. Os dados desta pesquisa indicam que até a década de 1970 havia igarapés e pontos alagados em áreas hoje assoladas e habitadas. Por estes caminhos hidroviários os moradores deslocavam-se ao rio Caeté e, também, em muitos casos, pescavam nas águas de igarapés, transportados geralmente em canoas a remo, bastardos ou outras embarcações de pequenos portes.

Os pescadores locais conheciam as técnicas e táticas de captura e de trocas do pescado, eles utilizavam a cidade como ponto de permutações, até àquela época, havia pouca centrifugação do pescado local, sendo, portanto, Bragança o lugar central à circulação. Com o crescimento da urbanização a partir da década de 1970 e da intensificação das relações monetárias e capitalistas, a pesca – como outras atividades econômicas – passou por transformações: crescimento do número de empresários e investidores na industrialização, utilizando embarcações maiores e tecnologias que permitiam aumentar a exploração do pescado, tanto na costa litorânea regional, quanto no aproveitamento da força dos fluxos das “marés”, onde as águas oceânicas adentram ao Caeté e seus tributários, alagando campos com água salobra, enchendo os manguezais e atingindo igualmente outros biomas locais.

Em estudo recente sobre as transformações sociais da pesca em Bragança, Guimaraes Mello (2015) explicou que a partir da década de 1990 tal atividade passou por transformações em razão, principalmente, da chegada dos nordestinos (cearenses em grande maioria), que passaram a investir na pesca industrial. Segundo o pesquisador, houve escassez de recursos pesqueiros em lugares de pesca no nordeste, e tal fato possibilitou a migração de cearenses à Bragança. Obviamente este deslocamento não ocorreu sem um conhecimento prévio, pois os pescadores nordestinos, ao que tudo indica, já avaliavam a costa bragantina e seu grande potencial pesqueiro deste estuário,

A gente não explorava a lagosta, o bragantino não explorava o pargo, ninguém explora em Bragança, porque ninguém tinha conhecimento em Bragança. Com a pesca escassa lá na região deles, acho por que eles... pegaram muito, usaram de maneira que talvez não sejam corretas, apropriadas e a quantidade lá ficou relativamente pequena, então, grande parte desses pescadores e empresários de pesca migraram pra Bragança e começaram a explorar a mesma pesca que eles exploravam lá que não era explorada aqui, como não era explorada a quantidade e pescado aqui era grande e ainda é, mas eles continuaram fazendo o mesmo sistema de comércio, exportando o pargo que não é comercializado naturalmente nem no Brasil até São Paulo, pro Sul são peixes que a gente consome aqui na

região que é pescada, serra, gurijuba, uritinga, corvina. São Paulo consome muito robalo que eles chamam lá que aqui a gente conhece como camurim, lá em São Paulo eles chamam de robalo, é o peixe mais consumido na região Sul do Brasil, partindo de São Paulo até a região Sul o peixe mais consumido é o robalo, que é peixe natural que peixe que a gente costumava vender o pargo ninguém pescava. Quem tinha esse comércio esses fornecedores, esses compradores na verdade, eram na maioria deles os cearenses, eles continuaram fazendo o mesmo tipo de pesca e transferiu... Continuou vendendo pra essas regiões, tanto que o único exportador desse peixe em Bragança é nordestino, só existe um, uma única pessoa que transporta esse pescado, todo mundo passa esse pescado pra ele. Ele faz a exportação, que é o Gilvan o resto... todo mundo é aglomerado a empresa dele. É ele que faz toda essa exportação, só no pargo. Para outros pescados, que são pescados que a gente manuseia, que no caso, a Gurijuba por um exemplo já é muito consumida em Bragança e muito vendida, o problema é que o comércio local, como a demanda de pescado ela é muito grande o comércio local ele não consegue ficar com toda essa demanda de peixe. Hoje existem muitos barcos de pesca em Bragança, muito mais que antigamente, eles cresceram em tamanho e os recursos também se aprimoraram antes um barco pescava, por exemplo, duas toneladas, três toneladas de peixe, hoje ele trás vinte, trás trinta antes o dono de barco ele tinha dois três barcos hoje ele tem de, pescando uma quantidade muito maior¹⁰.

Estes atores sociais, quando chegaram, intensificaram a pesca industrial, principalmente a do pargo e da lagosta, recorrente no Ceará. Eles introduziram novas tecnologias, aumentaram a exploração dos espécimes e aceleraram a divisão do trabalho como se identifica na seção seguinte.

O CRESCIMENTO DA PESCA INDUSTRIAL EM BRAGANÇA

Na pesca industrial, o barco funciona como uma empresa e tem um proprietário que fica em terra administrando o empreendimento. Atuando como um empresário, ele é responsável por abastecer a sua embarcação com os itens básicos, a saber: gelo, água, alimentos, utensílios a pesca e outros. Também é responsável por negociar sua produção com outros atores sociais, que lhes compram quando o barco chegar. Quando as embarcações atracam nos portos, já esperam por elas os compradores da produção, encarregados pelas compras e exportações do pescado. Os locais que se destacam, além do centro da cidade, como polos de desembarques pesqueiros em Bragança são: Ajuruteua, Acarajó, Bacuriteua, Caratateua, Castelo, Tamatateua, Taperaçú-Campo, Taperaçú-Porto, Taquandeu, Treme e Vila-que-Era.

Como dito na introdução deste artigo, a pesca artesanal utiliza instrumentos menos complexos de captura, além de ser realizada em embarcações menores. Geralmente, a atividade é executada com número reduzido de trabalhadores, entre 02 e 08, comumente. Em Bragança esta atividade, na maioria das vezes, é feita entre amigos e parentes que se deslocam juntos na embarcação e repartem entre si os ganhos adquiridos na venda da produção. Porém, a respeito disto, é importante frisar que os meios de transporte menores geralmente têm donos, que também se deslocam junto com a tripulação aos locais de pesca. Deste modo, o proprietário é também um pescador. Ele, após chegar da

¹⁰ Entrevista com o Senhor Ubiranilson Santos. Entrevista realizada por Braz Guimaraes Melo. Em 13 de junho de 2013.

maré e vender a pescaria realiza a distribuição do dinheiro aos outros componentes da embarcação. Entretanto, há, por outro, embarcações que pertencem a um grupo familiar, onde os membros da estirpe realizam a atividade, todos como pescadores. Este é o caso do entrevistado Antônio Tavares que efetiva a pescaria com seus filhos e sobrinhos, seus acompanhantes nas empreitadas.

Quanto à pesca tradicional em Bragança, considera-se que os pescadores artesanais usam parte da pescaria para o consumo familiar, porém eles também comercializam, vendendo ora aos atravessadores, ora aos consumidores finais que compram o peixe que chega, embora esta prática ocorra em menor intensidade em relação à primeira. Por conta de realizarem as trocas do que produzem os caracterizo de *pescadores artesanais comerciais*. Marcos Antônio Santos (2005, p. 73) ao pesquisar a cadeia produtiva da pesca nos municípios de Augusto Corrêa, Bragança, Curuçá, Maracanã, Marapanim, São João de Pirabas e Viseu, constatou que “88, 2% da pesca artesanal e destinada à comercialização, sendo os 11, 8% restantes destinados ao autoconsumo e outras destinações”. Assim sendo, dependendo da quantidade de peixes que os pescadores conseguem capturar, apenas uma pequena parte é conduzida a residência, e tal fora denominada por Guimarães Melo (2015) de: “peixe da boia”¹¹.

Guimarães Melo (2015) dividiu a categoria de pesquisadores bragantinos em três grupos, a saber: a) os pescadores orgânicos, trabalhadores que apreenderam o ofício por herança familiar, são geralmente habitantes da área costeira de Bragança; b) os migrantes nordestinos, pescadores que já exerciam a atividade em outras cidades e por movimentos econômicos se deslocaram à Amazônia, c) e os pescadores oportunistas, sujeitos que não exerciam a atividade pesqueira, mas que, devido ao crescimento desta atividade, desviaram seus trabalhos para tais. É importante frisar que também existem os pescadores temporais ou esportivos, pessoas que não dependem da pescaria para sobreviverem, porém pescam como forma de lazer e passa tempo. Estas são pessoas que geralmente têm outras profissões.

Grande parte dos pescadores de Bragança reside nas vilas próximas da cidade, tais como: Acarajó, Bacuriteua, Tamatateua, Treme e Vila Cuera/Que Era. São homens que tem a pesca como fonte de renda e que transitam diariamente pelas águas do Rio Caeté em canoas e em barcos. Contudo, há, por outro lado, os trabalhadores que residem nos bairros de Bragança, e que, da mesma forma que os trabalhadores das áreas rurais, também dependem das águas para manter suas famílias.

Foram os sujeitos que residem nas áreas urbanas que se analisou enquanto objeto de investigação deste estudo. Em Bragança, muitos dos pescadores que sobrevivem da pesca vieram de comunidades rurais, que migraram para centro da cidade a partir da segunda metade do século XX, quando esta passou pelo processo de “modernização”, com o discurso de retirá-la do “atraso” socioeconômico (OLIVEIRA, 2015; ALVES, 2016). Os novos moradores das áreas urbanas se estabeleceram e continuam a se estabelecerem em bairros em expansão como o Vila Sinhá, o Aldeia e o Perpétuo Socorro, por exemplo. Eles continuaram o trabalho na pesca, que já praticavam nas vilas de onde vieram, utilizando como local de captura o rio Caeté.

10 Boia, na linguagem dos pescadores, refere-se à alimentação diária: almoço e janta.

Os pescadores citadinos, assim como os que residem nas áreas rurais, geralmente têm suas embarcações, em grande parte canoas e barcos de pequeno porte, que ficam estacionadas em diferentes portos do Rio Caeté. Em canoas motorizadas eles costumam trabalhar em grupos menores, contando entre 2 a 6 homens, que utilizam como instrumentos de pesca redes, espinheis, tarrafas e anzóis. As rabetas, a partir do início dos anos 2000, começam a substituir as canoas a remo. Esta inovação técnica é considerada pelos trabalhadores como um benefício, pelo fato desta ter diminuído o tempo de circulação do lar à maré e da maré ao lar. Antes, porém, as remadas eram demasiadamente cansativas e os trabalhadores a realizavam em 24 horas, em um tempo de transição que no presente consta de 08 horas, por exemplo. A partir desta inovação, os trabalhadores também aumentaram suas produtividades individuais, pois as embarcações lhes dão mais segurança, tanto no que pese ao tempo de circulação, quanto à capacidade de conduzir maior carga.

Os trabalhadores nas embarcações menores (rabetas e barcos pequenos) praticam a atividade geralmente com seus amigos e parentes. O dono ou os donos das embarcações se deslocam à maré, e, após pescarem a quantidade suportável à permanência dos recursos diários como os alimentares, por exemplo, retornam a terra a fim de comercializarem os recursos aquáticos e posteriormente retornarem à pesca. Em muitas vezes eles chegam, acoplam-se em portos nas bordas das Estradas Bragança-Ajuruteua (ALVES, 2017), vendem os peixes capturados aos *atravessadores*¹² e a consumidores interessados (que lhes esperam nos pontos de desemboques) e retornam às labutas nas águas.

Atualmente a pesca artesanal em Bragança tem convivido com a pesca industrial, par-emp- par. Esta, como visto, começou a se desenvolver na localidade a partir da década de 1960, quando o governo Civil-Militar forneceu incentivos ao desenvolvimento da Amazônia, instrumentalizado no modelo empresarial, que privilegiou as corporações com capital e tecnologia superior aos agentes menores (LOUREIRO, 1983). Loureiro (1983) escreveu que a partir da década de 1970 as empresas pesqueiras passaram a instalar na Amazônia e engendraram conflitos com os pescadores locais. Em meio ao crescimento da dinâmica capitalista a partir do contexto em questão, são necessários estudos com o fim de notar como estes conflitos deram-se em Bragança, ou como os pescadores tradicionais adaptaram-se às novas tramas comerciais que se apresentam a partir de então.

Em Bragança, nos idos da década de 1980, a pesca industrial passou a ser prática recorrente. O *barco-empresa* passou a monopolizar as atividades pesqueiras tradicionais. A fim de melhor entender este processo, foram realizadas conversas e entrevistas com trabalhadores bragantinos que realizam a pesca tradicional atualmente. O objetivo da pesquisa, portanto, foi conhecer a maneira como a indústria pesqueira impactou suas atividades e, principalmente, compreender como os pescadores resistiram às investidas ou se adaptaram à concorrência das grandes embarcações.

Para saber a respeito das mudanças nas práticas de pesca conversou-se com o Senhor José Ribamar Soares Santos, morador do Bairro do Perpétuo Socorro, 60 anos de idade, que ainda exerce o trabalho de pescador. Às tardes, ele costuma costurar sua rede de pesca à frente

12 Os pesquisadores sobre pesca em Bragança denominam *atravessador* para o sujeito responsável por comprar o pescado e vender a outro comerciante.

da casa. Nós tivemos uma conversa numa tarde de sábado do dia 17 de janeiro de 2018. O depoente falou que durante toda a sua vida trabalhou na pesca, inicialmente na praia do Pilão, antiga beirada às margens do Caeté, extinta após o “crescimento” das águas, que cobriu o vilarejo. Nos anos de 1980, ele e sua família vieram residir na sede do município, porém, o Senhor Ribamar continua exercendo sua antiga atividade. Na conversa que tivemos perguntei quais foram as mudanças que ocorreram em seus locais de trabalho nos últimos anos, a respeito, respondeu que “cresceu o número de pescador”, e assim, conseqüentemente, aumentou também a quantidade de redes, ou seja, dito em outras palavras, percebe-se que o depoente reclama da concorrência e da conseqüente diminuição na oferta do produto na natureza. As acepções do interlocutor permitem averiguar que o aumento da quantidade de pescadores e o advento de novas tecnologias são fatores que impulsionam o crescimento da pesca industrial e da migração de trabalhadores que passaram a inflar a captura, sobretudo nas costas estuarinas mais próximas à cidade.

Para o Senhor Ribamar, estas mudanças começaram a ocorrer de “uns 20 anos para cá”, o que causou a diminuição do peixe da beirada. As explicações do depoente confirmam os argumentos de Guimarães Melo (2015), de que a partir da década de 1990 cresceu a enlaça de peixes no Caeté em decorrência da migração de cearenses à Bragança. Estes agentes trouxeram a captura em grande escala e conseqüentemente exploravam a reserva pesqueira da costa. A chegada de outros investidores na empresa impactou na produtividade dos pescadores locais, que tiveram sua produção diminuída pela competitividade com os barcos maiores, propriedades, em grande parte, de nordestinos.

É muito barco, tem gente daqui, tem gente de fora, agora assim, no passado era melhor pra nós, eu achei né! Depois que veio esse pessoal de São Luiz pescar pra cá, aí diminuiu mais a produção (...) eles pescam e vão pra lá né. Pra região de Carutapera, assim. Descarrega pra lá pra Carutapera. Esse pessoal que pesca no ferro, como é?... Nesse couraçado, no ferro né, que a rede, que fica todo tempo escorando lá no oceano, só isso. Nesse tempo que não tinha isso, os couraçado é melhor até pro peixe miúdo, que nem a gó, né. Dava muita gó, o serra. O serra ainda dá, mas distante né. Tem dado serra, mas é assim numa marezada e depois¹³.

Como se apreende do depoimento acima, a produção local era, em grande parte, destinada ao mercado interno. As técnicas utilizadas, tais como espinhel, manzuás, redes de emalhe, armadilhas fixas, socó, tapagem e curral, por exemplo, causavam menor impacto ao meio ambiente. Já a pesca industrial passou a implementar utensílios com maior poder predatório, tais como a “rede aferreada”¹⁴ e a nefanda prática do *arrastão*, que degrada peremptoriamente o fundo do oceano, pois elimina a fauna e a flora daquele ambiente, debilitando a alimentação e a reprodução dos espécimes que ali habitam. Segundo outro interlocutor, o Senhor Carlos Augusto dos Santos, estes tipos de capturas “acabaram” com os peixes da “cabecera”. As grandes embarcações, propriedades dos empresários da pesca super exploraram os recursos próximos, diminuindo-os, o que, conseqüentemente, dificultou a produtividade dos pequenos pescadores.

Todavia, como os pescadores artesanais se adaptaram a esta nova realidade socioeconômica? As pesquisas de campo permitem elucubrar algumas questões relativas a esta temática, a saber,

13 Entrevista com o Senhor Antônio Tavares, morador do Bairro do Riozinho. Entrevistas realizadas por Braz Guimaraes Melo. Em 22 de agosto de 2013.

14 Tecnologia desenvolvida para aumentar a exploração pesqueira.

a) os trabalhadores tradicionais se adaptaram as novas dinâmicas da pesca, como, por exemplo, comprando motores para colocá-los em suas embarcações a fim de aumentar a velocidade de seus deslocamentos aos lugares de trabalho. Com a diminuição de peixes nas costas os pescadores tiveram que se deslocar a lugares antes inexplorados para poder continuar o processo de captura; b) apesar do crescimento da pesca industrial, a artesanal se reproduziu, concentrando suas trocas na feira livre da cidade, encarregada, sobretudo, pela comercialização no mercado local.

Os pescadores artesanais também passaram a se inserir na lógica de troca com os intermediários, uma vez que eles vendem suas produções aos comerciantes de peixes em áreas próximas de Bragança (ao contrário dos caminhões maiores que vendem para estados no Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil). A respeito desta prática, é importante arguir que há os grandes *atravessadores*, proprietários dos caminhões baús frigoríficos e os *atravessadores* menores, que vendem suas mercadorias em cidades próximas de Bragança, como Augusto Corrêa, Tracuateua, Capanema, Castanhal, Belém e outros. Estes compradores geralmente trabalham nos carros pampas e em caminhões pequenos, de menor poder de carga. Eles são os principais compradores da pescaria praticada pelos pescadores artesanais de Bragança. Negociam por preços menores, num geral, entre 5 a 15 reais o quilograma do gó, do serra, do bagre e de outros, vendendo posteriormente a preços mais elevados, em grande parte 30 % acima do gasto por cada quilo.

Sebastião Rodrigues Silva Júnior (2008) discorreu que a partir da década de 1990, os pescadores artesanais em Bragança passaram receber financiamento do Fundo Constitucional do Norte (FNO). Os trabalhadores receberam crédito do Banco da Amazônia (BASA) a fim de investirem em instrumentos que melhorassem suas condições econômicas. O dinheiro adquirido junto ao banco auxiliou a obtenção de novas tecnologias de pesca como a substituição das embarcações à vela pelas motorizadas. Entre os anos de 1996 a 2004 foram “financiados 159 embarcações de pequeno porte, em madeira de lei, medindo 8 metros de comprimento, 3 metros de boca moldada e 1 metro de pombal” (SILVA JR., 2008, p. 35). Ao autor citado, as melhorias nas técnicas de capturas engendraram aumento do poder de captura e da aquisição da produção por pescador e também da renda familiar, embora também tenha aumentado a taxa de inadimplência, chegando a 98 % em 2000, o que levou o Basa a suspender os financiamentos. O aumento da captura e do número de embarcações não significou o aumento na qualidade de vida dos pescadores, pois, a maioria endividada, perdeu os investimentos, além disto, o crescimento das embarcações acarretou a exploração insustentável do peixe nas áreas próximas à costa bragantina. Além da falta de fiscalização por parte de órgãos públicos, a falta de conhecimentos dos pescadores do funcionamento do sistema financeiro e a ausência de organização política dos usuários, foram fatores que acarretaram a insucesso do Fundo Constitucional (SILVA JR., 2008).

Evidentemente que o crescimento da pesca industrial diminui o número de pescadores artesanais, uma vez que, muitos deles acabaram por tornar-se mão-de-obra das grandes embarcações, os operários da pesca como descreveu Guimarães Melo (2015). Porém, isto não acarretou o fim da atividade artesanal, pois ela continua ativa, sobretudo nos portos das vilas bragantinas, como Bacuriteua, por exemplo.

O PESCADOR ARTESANAL E OS IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS DA PESCA INDUSTRIAL

Como dito, o crescimento da pesca artesanal não significou o fim da pesca artesanal, pois ela continua a ser praticada, embora, muitos destes trabalhadores tenham se transformando

em mão-de-obra ao dono do *barco-empresa*. Os trabalhadores da pesca artesanal continuam explorando as áreas para capturar o peixe local. Entretanto, apesar da continuidade da pesca em áreas próximas à costa, a “fartura” de peixe como existia há 30 anos diminuiu, pois “fracassou mais”, disse o entrevistado José Ribamar Soares, explicando que na ‘beirada’ enchia-se 200 metros de rede com gurijuba, uritinga, cação, bandeirada e arraia, por exemplo. Hoje, para conseguir isto demanda do pescador maior tempo nas águas. Estas explicações apresentam como domínio a confirmação de uma das hipóteses lançadas a este estudo: a de que o crescimento da pesca industrial diminuiu o quantitativo de peixes próximos, e para continuar suas atividades os trabalhadores tiveram que se deslocar a outros pontos.

Mediante a nova conjuntura, os *atravessadores* passaram a ter grande papel econômico nas permutações. Estes agenciadores do espaço, geralmente proprietários de automóveis, passaram a se fazer presente nos portos de desembarques e negociar com os pescadores os recursos adquiridos, e os próprios trabalhadores frente às incertezas e fluxos dos mercados passaram a ter maiores relações de dependência em relações aos comerciantes, fator notado quando o Senhor José Ribamar lembrou “tinha pouco patrão, há 30 anos”. O termo patrão refere-se ao comerciante da pesca, portanto, pode se aludir ao atravessador exportador, responsável por vender o peixe fora de Bragança, ao um marreteiro local, que compra o peixe e vende na cidade (este também pode atuar como marreteiro exportador) e ao comerciante vendedor da feira livre (*In natura* e salgado), no Mercado Municipal e de outros pontos vernais, que também esperam os barcos com a pescaria.

No plano de desenvolvimento para o arranjo produtivo local da pesca e aquicultura da região de integração do Rio Caeté (PDAPLRIRC, 2017), é elucidado que não existe uma estratégia de mercado bem definida no que tange a pesca bragantina, pois esta ocorre geralmente pela presença do intermédio em quatro níveis, quais sejam: o local, que labuta nas feiras, nas peixarias e na própria embarcação, o estadual que comercializa em outros municípios, o nacional em outros estados e o da exportação, responsável por intermediar a venda para outros países. Os peixes “nobres” como: “pescada amarela, lagosta e pargos (...) são transportados para beneficiamentos, podendo ocorrer nas empresas do município ou em outras localidades do estado ou fora deste” (PDAPLRIRC, p. 26). A tabela 02 apresenta alguns dos destinos do pescado a partir de Bragança.

Fonte: Castro et al. (2006). Retirado de Castro et al. (2006, p. 116)

Tabela-02: Principais destinos dos pescados transportados em caminhões frigoríficos a partir de Bragança.

	Estado					
	CE	MA	BA	RJ	SP	GO
Serra	x	x	x			x
Cação			x			
Pargo	x		x	x	x	x
Pescada amarela		x	x			

Fonte: Castro et al. (2006). Retirado de Castro et al. (2006, p. 116).

É importante frisar que o aumento da complexidade em relação às atividades analisadas está diretamente relacionado ao desenvolvimento técnico, ou seja, o implemento de barcos maiores e também ao crescimento de veículos que, conseqüentemente, ampliaram a circulação nos espaços, bem como a exportação dos peixes para locais distantes de Bragança. Sobre tais questões, os trabalhadores entrevistados são consentes: “melhorou os meios de transportes, porém fracassou a pescaria”. Antes do uso dos veículos, os labutadores tinham grandes dificuldades em deslocarem-se com suas sacas e quinhões de peixe, pois eram feitas ou em canoas a remo, técnica que requeria grande esforço físico. Além disto, eles também caminhavam levando os peixes em carroças ou no pau de carga, técnica que consistia no usar “um pedaço de madeira posto sobre os ombros, nas duas extremidades eram amarrados sacos ou paneiros com os recursos pescados ou coletados. As massas aproximadas nas pontas mantinham a carga equilibrada no ombro” (ALVES, 2017, p.23). As antigas táticas de transporte requeriam dos trabalhadores muito esforço, porém eles tinham maior controle sobre o que produziam. Com efeito, em contraste com o passado, no presente eles conseguem transportar com mais facilidade o que produzem, entretanto, passaram a ter maior dependência dos intermediários e de outros comerciantes. Assim sendo, o desenvolvimento tecnológico engendrou relações sociais contraditórias na comercialização pesqueira atual, contradições estas que são peculiares às relações capitalistas, pois o desenvolvimento da tecnológica permite agilizar a circulação nos espaços, e, ao mesmo tempo, avoluma as estruturas de dominação do homem sobre homem.

Com base nos dados verificados antes do crescimento da pesca industrial os trabalhadores tinham maior controle dos territórios e também do preço dos recursos que vendiam, e após este processo, eles passaram a ter maior dependência dos fluxos estabelecidos por novos agenciadores dos espaços, afora também, o crescimento da grande exploração da pesca, que ensejou a diminuição de peixes em lugares antes abundantes.

A produção artesanal depende dos conhecimentos dos ciclos das águas, posto que quando a maré está cheia aumenta-se o volume de peixe, e quando está seca, aumenta-se a dificuldade em encontrá-los. Os trabalhadores também consideram os fluxos pluviométricos como importantes aos trabalhos nas águas, pois em períodos chuvosos ocorre maior pescaria em comparação ao período de menor chuva. Estes conhecimentos ecológicos tradicionais sobre os espécimes, perpassado de geração a geração (DORIA, 2014), são fundamentais para o pescador tradicional continuar sua captura, posto que ele adequa-se aos fluxos e refluxos das águas do Caeté.

A atividade artesanal geralmente captura maior variedade de peixes, fato contrário ocorre com a industrial, que geralmente tende a se especializar em espécie alvo ao pescado. Em Bragança as frotas pargueiras e lagosteiras se destacam por seus grandes volumes (PCPMB, 2013-2016)¹⁵.

As leituras e interpretações dos dados relativos às mudanças na pesca artesanal em Bragança apontam algumas características essenciais no que pese as alterações em suas práticas, a saber: a) os trabalhadores passaram a utilizar meios de transportes aquático-terrestres mais velozes o que, conseqüentemente, agilizou os movimentos nos espaços, pois antes os meios de transporte eram carroças, canoas a remo ou a pé, o que dificultava

15 Panorama da Cadeira Pesqueira do Município de Bragança-PA, pesquisa realizada por atores sociais ligados à Prefeitura Municipal de Bragança.

a circulação. Em meio isto o comércio restringia-se, em grande parte, ao mercado local ou a regiões próximas à Bragança como Augusto Corrêa, Viseu, Belém, por exemplo. Com o constante uso de caminhões baús, *fiat* estradas, picapes pequenas ou compactas, motocicletas e bicicletas, os pescadores passaram a dinamizar em maior velocidade suas pescarias, entretanto, este avanço técnico coincidiu com o crescimento das trocas com os *atravessadores*. O crescimento da dependência e das relações com os patrões foi um dos principais fatores de mudanças causadas pelo desenvolvimento da atividade industrial.

Os impactos ambientais como derramamento de óleo diesel, o que propicia o afastamento dos espécimes. Há também outro problema de ordem mais amplo, qual seja: o depósito de esgotos nas águas do rio, o que tem auxiliado no assoreamento do mesmo. Em grande parte o lixo que está assoreando o rio Caeté é lançado pelos 'feirantes' nas águas do rio, o que está contribuído para tal. Segundo os entrevistados, esses processos corroboraram a diminuição da biodiversidade local, principalmente por que há espécies que se reproduzem nos pontos mais profundos do rio. Com a escassez de recursos próximos, restaram a muito pescadores artesanais duas opções, quais sejam, adequa-se aos novos sistemas, ou seja, criando tecnologias e estratégias que permitem a estes explorarem outras localidades. Em grande parte, isto acontece com aqueles que eram e são proprietários de pequenas embarcações, que, por isto, podem continuar suas antigas atividades. Por outro lado, muitos pescadores artesanais passaram compor a massa de mão-de-obra dos barcos empresas que se estabeleceram em Bragança a partir da década de 1980. O crescimento do número de barcos e o comércio pesqueiro têm causado impactos ambientais no rio Caeté como, por exemplo, o assoreamento produto pelo acúmulo de tripas, cabeças e outras restos de organismos de peixes que são atirados no rio pelos trabalhadores após a evisceração.

Quanto aos impactos sociais, o crescimento da pesca industrial acabou por desarticular grande parte das antigas práticas artesanais, embora, esta não tenha sido excluída, mas adaptou-se ao novo contexto. Os pescadores artesanais passaram a utilizar pequenas embarcações motorizadas com o fim de continuarem suas atividades se deslocando a lugares mais distantes da costa. Assim sendo, eles se adaptaram a realidade concernente à pesca industrial para continuar seus modos de vida. Portanto, os trabalhadores passaram movimentarem-se da seguinte forma, após o crescimento da atividade industrial: a) aumento das trocas e da dependência para com os *atravessadores*; b) alguns pescadores artesanais também realizam trabalhos como *atravessadores*, ou seja, pescam e comercializam suas produções em outras cidades (os *pescadores-atravessadores*); c) diminuição da venda pelas ruas da cidade, passando esta a ocorrer nas feiras e nos portos de desembarques, lugares, estes, de maior concentração comercial; d) diminuição das trocas *in natura* e maior inserção nas permutações monetárias; e) mudanças tecnológicas, com maior dependência dos objetos da modernidade (carros e motocicletas) aos transportes do pescado.

O crescimento da pesca industrial engendrou grande concentração de poder e dinheiro nas mãos dos empresários donos das grandes embarcações em detrimento da pobreza e da baixa qualidade de vida dos pescadores locais. Essa relação de dominação é maior no que tange aos pescadores-operários, aqueles que trabalham aos donos das grandes embarcações, que segundo os colaboradores deste estudo, "vão pescar endividados", a saber, o dono da embarcação entrega o "vale" ao trabalhador, ou seja, uma parte do dinheiro a estes custearem os gastos com suas famílias, o montante entregue aos pescadores são pagos quando do retorno destes do mar, em tal caso, ocorre um processo semelhante ao

aviamento¹⁶, sistema de troca à época da exploração da borracha na Amazônia (segunda metade do século XIX e a primeira do XX). Este processo corroborou ao crescimento da exploração na pesca em Bragança.

CONCLUSÃO

Para fim de prévias considerações notou-se nas entrevistas e observações que houve diminuição do tamanho e da quantidade de peixes em função da elevação da exploração pelo homem, o que, em condições biológicas, gerou a seleção genética à reprodução de peixes fisicamente menores, de modo que os espécimes maiores passaram a ser capturadas em alto-mar, monopolizadas pelas grandes embarcações. Além disto, a exploração do peixe engendrou sua extinção de áreas dantes habitadas.

O uso de técnicas predatórias como o arrasto pelas grandes embarcações vem causando sobrepesca em muitos lugares, causando o risco de extinção de espécies, por isto há necessidade de maior controle, fiscalização e policiamento de órgãos nacionais como o Instituto de Proteção Ambiental da Amazônia (IPAAM), o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Nacionais Renováveis (IBAMA) e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e do Ministério do Meio Ambiente (MMA).

Durante as pesquisas os colaboradores descreveram que o Ibama, por exemplo, dá maior enfoque fiscalizador as pequenas embarcações em detrimento das grandes náuticas, o que não corrobora a diminuição do risco de extinção dos espécimes aquando do período do defeso, pois a maior exploração dos recursos ocorre pela pesca industrial.

Apesar do crescimento da pesca industrial a artesanal não foi extinta, ao contrário, se adaptou a realidade de competição do mercado, “resistindo” às investidas da primeira. A pesca artesanal concentrou sua produção a abastecer as necessidades locais e de cidade próximas à Bragança. Portanto, o pescador consumido na cidade em foco advém da exploração do trabalho artesanal, que, assim como no passado, tem papel relevante à economia desta.

ENTREVISTAS

Entrevista concedida pelo Senhor Antônio Tavares, 66 anos. Bragança, 22 de agosto de 2013. Retirada da Monografia de Braz Guimarães de Melo.

Entrevista concedida pelo Senhor José Maria, 49 anos. Bragança, 29 de agosto de 2013. Retirada da Monografia de Braz Guimarães de Melo.

Entrevista concedida pelo Senhor Ubiranilson Santos, 29 anos. Bragança, 13 de junho de 2013. Retirada da Monografia de Braz Guimarães de Melo.

Entrevista concedida pelo Senhor Cariolano Cardoso, 62 anos. Bragança, 01 de junho de 2013. Retirada da Monografia de Braz Guimarães de Melo.

¹⁶ O patrão aviador é a agente que financia o esforço da pesca, custeando a alimentação, combustível e o gelo necessário ao esforço da pesca (SANTOS, 2005). Para mais informações ver: Cunha Silva et al. (2012), referenciado no final deste artigo.

Entrevista com o Senhor Lima da Rosa (Seu Miroca). Bragança, Bairro do Perpétuo Socorro, em 21 de agosto de 2015.

Entrevista com a Senhora Maria José da Silva. Bragança, 22 de julho de 2016.

Entrevista com o Senhor José Ribamar Soares Santos. Bragança, Perpétuo Socorro, em 17 de janeiro de 2018.

Entrevista com a Senhora Maria Tavares das Chagas, Bragança. 02 de agosto de 2016.

Entrevista informal com o Senhor José Maria Modesto. Bragança, Bairro do Perpétuo Socorro. Em 19 de março de 2016.

Entrevista Informal com o Senhor José Felício Conde. Bragança, Bairro do Perpétuo Socorro, 10 de agosto de 2015.

Entrevista concedida pelo Senhor Manoel Raimundo da Silva (Apelido, Seu Chóia). Bragança, 07 de agosto de 2015.

Entrevista com o Senhor Fábio Corrêa Tavares. Bragança, em 05 de fevereiro de 2017, morador do Bairro Riozinho.

Entrevista com o Senhor Carlos Augusto dos Santos, em 02 de janeiro de 2018, morador do Bairro Perpétuo Socorro.

Entrevista com Willian Costa, em 25 de maio de 2018, morador do Bairro Aldeia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, A. B. *Estrada Bragança-Ajuruteua e sobrevivência no manguezal (1975-1991)*. Bragança, Monografia (Graduação em História) – UFPA, 2014.

ALVES, A. B. *Estrada Bragança-Ajuruteua: desenvolvimento e progresso (1975-1984)*. *Revista Ars Histórica* (12): 229-250, 2016.

ALVES, A. B. PA-458: *Território, territorialidade e dinâmica socioeconômica na área costeira de Bragança-PA (Bacuriteua, 1974-2016)*. Belém, Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – UFPA, 2017.

ARAÚJO, I. X. *Comunidades tradicionais de pesca artesanal marinha na Paraíba: realidades e desafios*. Paraíba, Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal do Paraíba (UFPB), 2017.

CAMPOS, I. D. “História e Natureza: memórias, sobrevivências, famílias e relações de poder no manguezal (Bragança-PA, 1980 a 1990)”. *Revista Margens* (UFPA), (07): 69-87. 2013.

CARVALHO, G. M. *A Festa do “Santo Preto”: tradição e percepção da Marujada Bragantina*. Brasília, Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável). Universidade de Brasília, 2010.

CASTRO, E. R, GIARRIZZO, T; SILVA, B. B; ESPÍRITO-SANTO, R. V., BRAGA, C. F. Considerações sobre a comercialização de pescado em Bragança-Pará. In: *Boletim técnico-científico do CEPNOR*, Belém, (06): 105-120. 2006

DIEGUES, A. C. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. In: Editora Ática, 1994.

DORIA, R. C. O uso do conhecimento ecológico tradicional de pescadores no diagnóstico dos recursos pesqueiros em áreas de implantação de grandes empreendimentos. In: *Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente (DMA)*, vol. 30, junho 2014.

ESPÍRITO SANTO, R. V. *Caracterização da atividade de desembarque da frota artesanal de pequena na região estuarina do rio Caeté, Município de Bragança-Pará-Brasil*. Bragança, Dissertação (Mestrado em Biologia Ambiental) – UFPA, 2002.

FRÉDOU, L. F.; ALMEIDA, O.; RIVERO, S.; MOURÃO, K.; BARBOSA, C.; THOMPSON, R. Aspectos econômicos da pesca industrial no Pará: entraves e perspectivas. In: *Paper do NAEA 265*, Março de 2010.

GLASER, M. Inter-relações entre o ecossistema manguezal, a economia local e a sustentabilidade social no estuário do caeté, Norte do Brasil. In: GLASER, M.; CABRAL, N., RIBEIRO, ADAGENOR L. (Org.). *Gente, ambiente e pesquisa: manejo transdisciplinar no manguezal*. Belém: NUMA/UFPA, 2005.

GLASER, M.; BERGER, U.; MACEDO, R. A sustentabilidade na gestão de florestas de manguezal sob a condição de ilegalidade. In: GLASER, MARION; CABRAL, N., RIBEIRO, A. L. (Org.). *Gente, ambiente e pesquisa: manejo transdisciplinar no manguezal*. Belém: NUMA/UFPA, 2005.

GUIMARÃES MELO, B. N. *Meu peixe, minha memória: ensaio sobre memória e identidade pesqueira em Bragança, fim do século XX*. Bragança, Monografia (Graduação em História) – UFPA, 2015.

JUNIOR SILVA, S. R. *A pesca artesanal e o Fundo Constitucional do Norte: um estudo sobre o financiamento concedido aos pescadores artesanais da região bragantina*. Bragança. Dissertação (Mestrado em Biologia Ambiental) – UFPA, 2008.

JUNIOR POTIGUAR, P. L. T. Um exercício etnográfico sobre a migração de pescadores no Nordeste no Pará. In: GLASER, M.; CABRAL, N., RIBEIRO, A. L. (Org.). *Gente, ambiente e pesquisa: manejo transdisciplinar no manguezal*. Belém: NUMA/UFPA, 2005.

KLOSE, F.; KRAUSE, G; GLASER, M.; OLIVEIRA, R. S.; BOCK, M.; HANATSCHEK, R. Manguezais como uma zona econômica de tampão: dinâmica espacial e socioeconômica num estuário no Norte brasileiro. In: GLASER, M.; CABRAL, N., RIBEIRO, A. L. (Org.). *Gente, ambiente e pesquisa: manejo transdisciplinar no manguezal*. Belém: NUMA/UFPA, 2005.

LOUREIRO, V. R. *Os parceiros do mar: natureza e conflitos social na pesca da Amazônia*. Campinas. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – UNICAMP, 1983.

LOPES, M. L. B.; TOURINHO, H. L.; GARVÃO, R. F. Plano Diretor e Pesca Artesanal em Bragança (PA): uma análise sobre a efetividade das diretrizes na atividade local. In: *Revista Vitas – Visões Transdisciplinares sobre ambiente e sociedade*, n. 11, 2015. Disponível em: www.uff.br/revistavitas. Acesso: 10 abr. 2019.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. In: *Revista Didática*, São Paulo, v.26, nº 27, pp. 149-150, 1990/1991.

MELLO, A. F. *A Pesca sob o Capital: a tecnologia a serviço da dominação*. Belém: Universidade Federal do Pará (UFPA), 1985.

MELLO, A. F. 1993. *Pescadores da Indústria: o complexo de Icoaracy*. In: FURTADO, L.; LEITÃO, W.; MELLO, A. F. (Org.). *Povos das águas: realidade e perspectiva na Amazônia*, Belém-PA: Hucitec.

MILLS, W. *A imaginação sociológica*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969. 246p. Apêndice.

MONTEIRO, M. A.; COELHO, M. C. As políticas federais e reconfigurações espaciais na Amazônia. In: *Novos Cadernos NAEA*, 7 (1): 91-122, 2004.

MOREIRA, H. L. F. Marudá: aspectos da mudança social em uma comunidade pesqueira da Amazônia. In: FURTADO, L; LEITÃO, W; MELLO, A. F. (Org.). *Povos das águas: realidade e perspectiva na Amazônia*, Belém-PA. 1993.

NOGUEIRA, L. C. *Ecologia e pesca de *Sciades parkeri* (TRAILL, 1832) capturado na costa Norte do Brasil e desembarque do município de Bragança, PA*. Bragança. Dissertação (Mestrado em Biologia Ambiental) – UFPA, 2014.

OLIVEIRA, L. F. A importância dos Tupinambá na formação da Vila de Bragança – Estado do Grão-Pará: 1790-1760. XIII Encontro de História, Anpuh – Rio, Identidades.

OLIVEIRA, F. P. Avaliação dos impactos socioambientais de projetos de Extensão no litoral bragantino, Bragança-Pará. Bragança, Dissertação (Biologia Ambiental) – UFPA, 2004.

OLIVEIRA, M. V. C. A estrada para o “progresso”: política, cultura e natureza em Bragança, Pará (1970-1996). Belém, Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – UFPA, 2015.

Panorama da Cadeia Pesqueira no Município de Bragança-PA. Disponível em <www.braganca.pa.gov.br>. Acesso: 16 jan. 2018.

Plano de Desenvolvimento para o Arranjo Produtivo Local da Pesca e Aquicultura da Região de Integração do Rio Caeté. Bragança-PA. Disponível em: <sedeme.com.br> Acesso em: 16 de jan. 2018.

PRATES, R. C.; BACHA, C. J. C. Os processos de desenvolvimento e desmatamento da Amazônia. *Economia e Sociedade*, Campinas, 3 (43): 601-636, 2011.

RAPOSO, P; WITKOSKI, A. C; FRAXE, T. J. P. A renda da água: dinâmicas sociais da pesca comercial e o controle ao acesso dos recursos pesqueiros em regimes de uso comum na Amazônia brasileira. *Anais do I Encontro Nacional da Anppas, Belém-PA*. 2012.

SANTOS, M. A. S. A cadeia produtiva da pesca artesanal no estado do Pará: estudo de caso no nordeste paraense. *Amazônia: CI & Desenv.*, 1 (1): 2005.

SANTOS, C. Caranguejo: uma questão de sobrevivência na Comunidade de Acarajó, Bragança-PA. Bragança, Monografia (Especialização em Formação Interdisciplinar em Meio Ambiente) – UFPA, 1996.

SILVA, L. M. A.; DIAS, M. T. A Pesca Artesanal no Estado do Amapá: estado atual e desafios. In: *Bol. Téc. Cient. Cepnor*, 10 (1): 43-53, 2010. Disponível: <https://Cepnor.ufra.edu.br>.

SILVA, M. R. Povos de terra e água: a comunidade pesqueira canto do mangue, Canguaretama (RN)-Brasil. Piracicaba, Dissertação (Mestrado em Agricultura) – ESA, 2004.

SILVA, D. B. R. N. Os Donos de São Benedito Convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX. Belém, Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – UFPA, 2006.

SILVA, J. R.; SANTOS, C. F. Arranjo Produtivo Local de confecções: uma análise do desenvolvimento sustentável em Palmas/TO. In: *Rev. Ciênc. Admin.*, 17 (1): 225-249, 2011.

SILVA, E. M. Estudo do preenchimento sedimentar das cabeceiras do estuário do Taperaçu, Bragança/PA (Zona Costeira Amazônica). Dissertação (Mestrado em Ecologia de Ecossistemas e Estuários) Universidade Federal do Pará (UFPA), 2015.

SILVA, K. L. T. *Pesca artesanal entre mudanças socioambientais: estudo de caso na APA Bonfim-Guaráira/RN-Brasil*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – UFRN, 2015.

SILVA CUNHA; E et al. Cadeia de comercialização do pescado desembarcado no posto fiscal de Bragança, Estado do Pará. In: *Arq. Ciên. Mar., Fortaleza*, 2012, v. 45, n. 1, p. 82-87.

TAVARES, M. G. C. A Amazônia brasileira: formação histórico-territorial e perspectivas para o século XXI. *GEOUSP - Espaço e Tempo*, São Paulo, (29): 107-121, 2011.